

# Colete Encarnado

80 Anos

Vila Franca  
de Xira



6.7.8  
julho'12





Cartaz do primeiro Colete Encarnado

1932

### Ficha Técnica

**Propriedade** Câmara Municipal de Vila Franca de Xira | **Direção** Maria da Luz Rosinha - Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira | **Edição** Câmara Municipal de Vila Franca de Xira | Departamento de Cultura, Turismo e Atividades Económicas | **Redação** Gabinete de Informação e Relações Públicas - Ana Sofia Coelho, Cláudio Lotra, Filomena Serrazina, Prazeres Tavares | **Fotografia** Gabinete de Informação e Relações Públicas - Hélder Dias, Ricardo Caetano, Vitor Cartaxo | **Design e Paginação** Gabinete de Informação e Relações Públicas - Dulce Munhoz | **Impressão** Santos & Oliveira, Lda | **Tiragem** 3000 exemplares | **Distribuição** gratuita | Junho 2012

Patrocínio



**BADIPLANA**  
Transportes e Escavações, Lda.  
Cidade do Branco - 2620 ARRUDA DOS VINHOS  
N.º. Fax. 263 914 070 - Telexmóvil: 91 937 03 00



**VARATOJO**

Apoio



# colete encarnado 2012

## DESTAQUES

### SEXTA-FEIRA, 6 DE JULHO

**18h00** – Espera de Toiros seguida de Largada *ruas da Cidade*

**20h15** – Concentração na Praça Afonso de Albuquerque/Largo da Câmara – Desfile de Tertúlias e Coletividades *até ao Largo Conde Ferreira, para a Missa Rociera*

**20h30** – Missa *Rociera* com a participação do coro *Rociero "Cortijo Alto"* seguida de atuação dos fadistas de Vila Franca *escadaria da Igreja Matriz*

**A partir das 23h00** – Concerto com Paulo Brissos, Ensemble Song e animação com o DJ Diego Miranda *palco da Av. Pedro Victor*

### SÁBADO, 7 DE JULHO

**10h00** – Concentração de Campinos e deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Campino

**16h00** – Homenagem ao Campino na Praça Afonso de Albuquerque *Lg. da Câmara*

**18h30** – Espera de Toiros seguida de Largada *ruas da Cidade*

**22h30** – Noite da sardinha assada *postos públicos na Cidade*

**A partir das 23h30** – Animação com a banda Con Sabor, Zumba Fitness, banda Sonido Andaluz e "Tirititran by Sevilhanas.com" *palco da Av. Pedro Victor*

### DOMINGO, 8 DE JULHO

**02h00** – Garraiada da Sardinha Assada *Praça de Toiros Palha Blanco*

**03h30** – Distribuição de caldo verde *postos Públicos na Cidade*

**10h30** – Espera de Toiros seguida de Largada *ruas da Cidade*

**14h00** – Transmissão, em direto, do programa televisivo da TVI "Somos Portugal" *jardim municipal*

**18h00** – Corrida de Toiros na Praça de Toiros Palha Blanco

**22h00** – Espetáculo de Fado com Rodrigo *palco da Av. Pedro Victor*

### Exposições

**Exposição "80 Anos da Fundação do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira"**

*29 de junho a 30 de dezembro  
Museu Municipal de Vila Franca de Xira*

**Exposição "Glórias em Vila Franca"**

*5 de julho a 14 de outubro  
Celeiro da Patriarcal, Vila Franca de Xira  
Uma homenagem a grandes figuras da tauromaquia*



**Maria da Luz Rosinha**

Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Sendo verdade que a Festa do Colete Encarnado é sempre o momento mais especial no calendário de atividades do Município de Vila Franca de Xira, a edição de 2012 é duplamente especial, porque comemoramos 80 anos sobre a sua primeira realização.

Comemoramos, com muito orgulho, 80 anos desta Festa de Homenagem ao Campino, figura de referência que marca a nossa história, as nossas tradições, o nosso modo de ser. E nestas comemorações, não faltarão os momentos de alegria e diversão, com espetáculos musicais para todos os gostos, as esperas e largadas de toiros, a corrida de toiros na "Palha Blanco", a noite da sardinha assada.

A par desta comemoração, também o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira celebra 80 anos de existência. Este facto será assinalado ao longo de todo o ano, mas deixo-lhe desde já um especial convite para que visite a Exposição Evocativa da Fundação do Grupo de Forcados, patente no Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Não posso também deixar de referir a importante Exposição que poderá ser visitada no Celeiro da Patriarcal, intitulada "Glórias em Vila Franca de Xira". Uma homenagem deste Município às grandes figuras do toureio que, seja por naturalidade, seja pela afinidade das relações, têm em Vila Franca de Xira as suas raízes.

Com 80 anos de tradição e de história, esta Revista apresenta-se repleta de memórias das Festas de outros anos. Ao folheá-la, poderá encontrar fotos de outras edições do Colete Encarnado, bem como alguns cartazes de divulgação deste grande evento, que também fazem parte desta mesma história.

Temos muito prazer em receber de novo todos quantos escolhem estes dias, tão especiais, para estarem presentes em Vila Franca de Xira. Sejam bem-vindos!

A Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Maria da Luz Rosinha

## António Pedro Descalço – Pampilho de Honra 2012

# O menino que se fez Campino

*No 80.º Aniversário das Festas do Colete Encarnado, a cerimónia de Homenagem ao Campino, momento emblemático e solene que distingue os trabalhadores típicos das planícies Ribatejanas, a distinção do Pampilho de Honra é dedicada a um Vila-Franquense, conterrâneo de berço e tradição. A honra é da responsabilidade dos companheiros de ofício, num tributo póstumo à sua dedicação na lide do gado, à mestria ímpar na arte de desbastar cavalos, aos sacrifícios vencidos, enfim à singularidade e empenho que conferiu à arte abraçada desde menino. António Pedro Descalço conquistou um lugar de referência nos anais da história da campinagem, postura que justifica esta distinção.*

Tal como mandavam as regras, aos seis anos de idade os pais matricularam-no no ensino primário, cientes da importância da alfabetização no seu futuro. António Pedro Descalço começou a frequentar o primeiro grau do Ensino Básico, mas o alfabeto não lhe conquistou a atenção. A concentração estava toda focada nos cavalos, paixão que inspirava as muitas peripécias para escapar das aulas e justificava todos os ralhetes e sermões dos pais que, a cada denúncia, reivindicavam junto do filho a importância de saber ler e escrever.

### **A fuga das aulas para a cocheira**

A cocheira do António “Ferrador”, localizada em Vila Franca de Xira, representava, essa sim, um motivo de irresistível interesse. Naquele espaço citadino, estava tudo o que realmente lhe suscitava curiosidade: cavalos e um cheirinho a campo, até mesmo a liberdade. O ferrador identificou desde logo o con-

dão de António Pedro Descalço. Acolheu-o e transmitiu-lhe os primeiros ensinamentos. Anteviu o seu futuro, pelo que lhe foi intuitivo ir dar uma “palavrinha” ao avô no sentido deste desistir de o convencer a frequentar a escola, porque “o rapaz quer é cavalos e aqui pode aprender uma profissão”. Assim foi, mesmo com o peso que a ausência de alfabetização trouxe à sua vida.

Foi assim que começou a grande paixão da vida do Pampilho de Honra do Colete Encarnado 2012. Dedicou mais de seis décadas a estes animais, que muito admirava. Havia reciprocidade, se aplicável nas relações tratador/animal. O filho, Pedro Descalço, recordou que “ele conhecia os cavalos todos com que trabalhava, desde que os ia buscar até ao desmame, e depois quando os começava a mexer, aos três anos de idade. Tinha uma relação muito especial com cada um deles, em oito dias, metia o cavalo preso à manjedoura e ao pé dele. Nunca



teve um cavalo a dar coices na cocheira, nunca. Trabalhava com eles tudo à base de voz. Era muito raro usar o bater, falava muito com eles e por isso tinham respeito à voz dele. Mas ele também respeitava muito os cavalos.”

O Zagalo, de ferro Manuel César, da Casa Agrícola Cunha e Carmo (Alenquer) foi o seu companheiro de trabalho, fiel aos seus ensinamentos e dedicado à arte de lidar o gado bravo.

Este par venceu os desafios das tarefas no campo, no maneio do gado e brilhou quando se apresentava em público, quer nas Praças de Touros, quer nos festejos campestres que decorrem um pouco por todo o Ribatejo. As vicissitudes da vida ditaram que a montada sobrevivesse ao seu cavaleiro, ainda que com a propecta idade de 37 anos.

A coudelaria Cunha e Carmo, cujo trabalho na criação de cavalos é sobejamente reconhecida no mundo tauromáquico foi de onde, António Pedro Descalço se despediu do seu dia-a-dia, daquele que preenchia a sua vida desde tenra idade. Mesmo depois de reformado, ficou no ativo até aos 69 anos. O corte com o seu mundo foi abrupto. Justificou-se talvez porque este deixou de fazer sentido, após a derradeira ausência da sua mulher, companheira de vida, parceira no amor e nos desafios diários, inerentes à vida acre do trabalho no campo.

A partida de Maria Ermelinda Descalço, em março de 2011, foi determinante para que o trabalho, principalmente o maneio dos cavalos, deixasse de ter o mesmo gosto, a importância que até então sempre tinha tido para a sua felicidade.

### O início do fim

As saudades sugaram o rumo da sua vida, até mesmo o estado sadio que sempre apresentava. Em Novembro de 2011, a saúde começou a degradar-se vertiginosamente. O cansaço era diário, a falta de vigor notória, os interesses rotineiros começaram a ser vencidos por uma apatia crescente e inédita. “Foi repentina a degradação da sua saúde, foi na Feira da Golegã que dei conta que ele não estava bem. Chegou a comprar uma bicicleta, mas só andou uma vez e pô-la de lado, não aguentava a pedalar. Começou com muitas dificuldades respiratórias. Ainda foi acompanhado pela cardiologista. Até quiseram interná-lo mas ele não quis. Mas não foi só isto. Também sentia a falta da minha mãe, porque dizia muita vez que tinham estado 40 anos juntos, que tinha vivido com ela nos bons e nos maus momentos e que agora não tinha ninguém. Faltou também o amparo dela”, recordou o filho num exercício duro de recordar os últimos dias do seu pai.

Lembrar António Pedro Descalço não é exclusivamente difícil pelo saudosismo, mas também pela ausência de um companheiro de vida, de paixão pelo mundo tauromáquico, essencialmente, pelos cavalos. Pai e filho partilhavam o dia-a-dia na intimidade da família, mas também no gosto pelo trabalho com as montadas dos campinos. Chegaram mesmo a trabalhar juntos na Coudelaria Cunha e Carmo, aliás foi o único dos quatro filhos (três rapazes e uma rapariga) que seguiu as pisadas do pai, até ao momento em que, por falta de oferta na área,

teve de mudar de rumo e ingressar na carreira de operário fabril. Profissão com a qual não se identifica de todo. “O único que puxou para isto fui eu. Ganhei alguns prémios na Feira de Santarém, fiquei em primeiro lugar na Prova de Perícia, fiz um segundo e um terceiro na Prova de Velocidade. Mas, com muita pena minha, esta não é a minha profissão”, lamentou-se. “O meu pai era uma pessoa que gostava de lidar com o gado



bravo e era entendido nisso. Chegou a recolher muitos touros em praça, nas Caldas da Rainha, Campo Pequeno, Espinho e Figueira da Foz. Mas, até falecer, a paixão dele sempre foram os cavalos”, prosseguiu Pedro Descalço. A vida do Pampilho de Honra dos 80 anos do Colete Encarnado, sempre esteve ao serviço das coudelarias, nas quais foi desenvolvendo a sua vida profissional. Exceto os 27 meses que passou em Luanda, cumprindo o serviço militar, obrigatório à época, António Pedro Descalço esteve sempre relacionado com o mundo equídeo, nomeadamente na Casa Agrícola do Visconde da Merceana (Alenquer), na Herdade do Borracho (Concelho de Benavente), ou, por último, na Coudelaria Cunha e Carmo.

Passou incólume à lide com os animais bravos ou a montar, embora as histórias que partilhasse com os amigos e os seus adorados oito netos, fossem recheadas de perigos e peripécias.

O filho, que responde, em parte, pelo mesmo nome de batismo do pai, recordou “o episódio a que assisti, de um enjaulamento no Cunha e Carmo, na Herdade do Pombal. Nesse dia até aconteceram duas situações muito caricatas: uma foi com o cavalo do Joaquim Luís que ficou furado, porque um touro à entrada da manga voltou para trás e meteu os cornos ao cavalo, voltando tudo de pernas para o ar. A outra foi nessa mesma enjaulação, um dos patrões estava a cavalo e este entrou com ele disparado pelos currais adentro, juntamente com os touros e os cabrestos e aquilo foi um pandemónio. Ele quis mandar-se do cavalo abaixo mas ficou preso por um estribo, a sorte dele foi que os touros passaram todos à primeira porta, passou tudo e ele ficou no curral cá fora, porque se tem lá ficado algum touro dentro... Era miúdo, assisti a isto e lembro-me bem. Nunca teve acidente nenhum grave” afirmou, denotando alívio e orgulho no seu progenitor.

Apreço, brio pelo companheiro de campinagem também será o sentimento mais vivido no próximo 7 de julho, pelas 16h, na praça emblemática da sede de Concelho por todos aqueles presentes na cerimónia de Homenagem ao Campino, aquando dos 80 anos das Festas do Colete Encarnado. No Pampilho de Honra, empunhado solenemente, estará o seu nome gravado. A sua sentida ausência, não terá repercussões na memória dos companheiros de profissão, que o terão sempre presente nas suas conversas e mentes. Para a família um momento de orgulho, o reconhecimento público da entrega de uma vida em prol de uma profissão, que se transformou em arte, no âmago da cultura Ribatejana.

80 Anos de tradição,

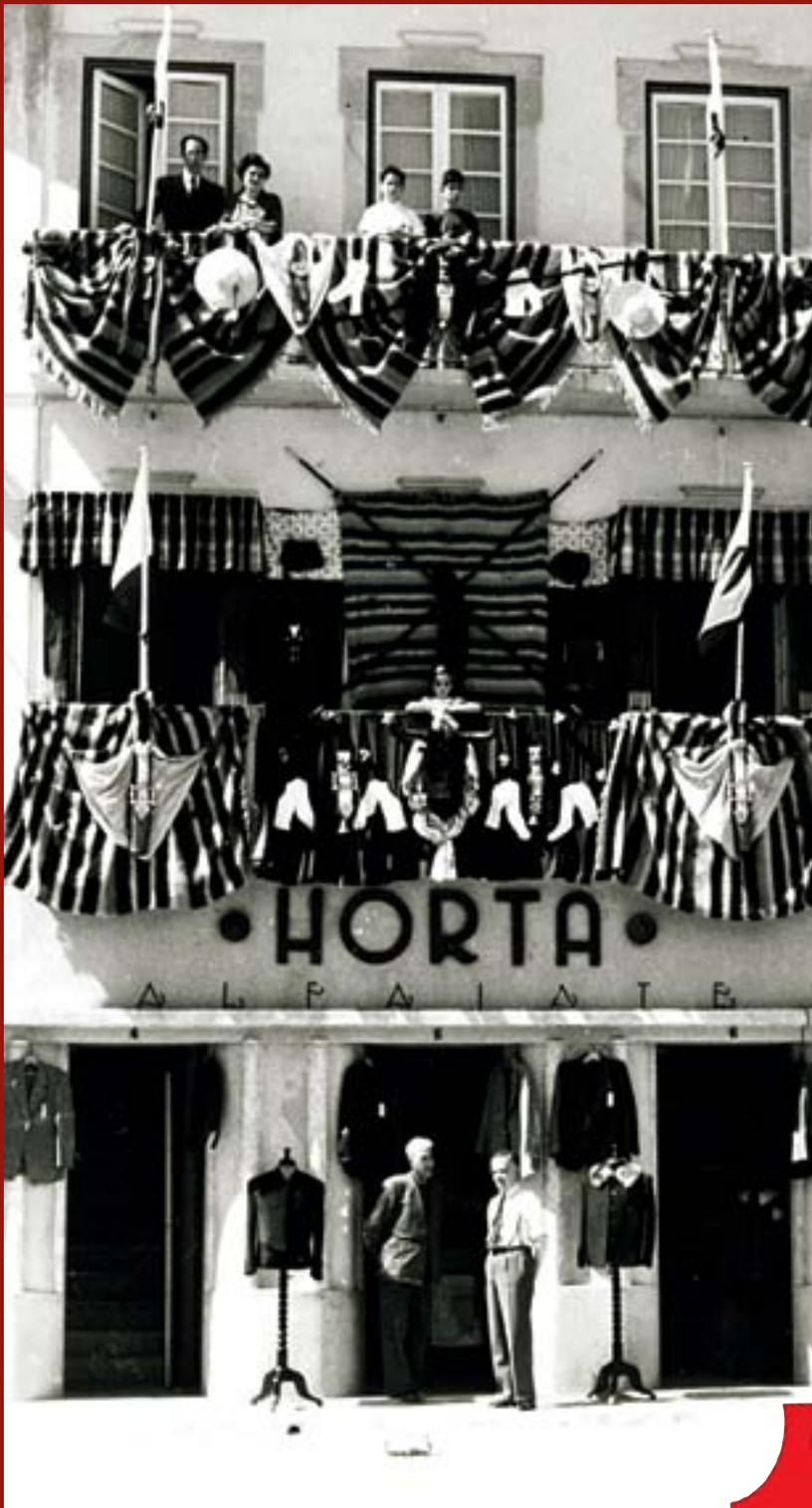
# 80 Anos de Colete Encarnado!

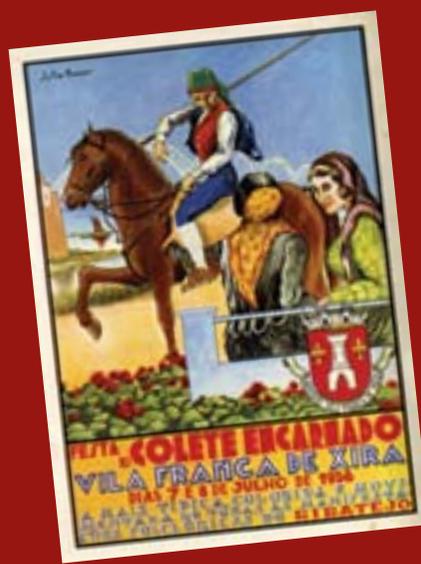


O Colete Encarnado comemora este ano oito décadas. A primeira edição deste evento realizou-se nos dias 16 e 17 de julho de 1932. José Van Zeller Pereira Palha, Vila-Franquense e defensor aguerrido das suas raízes culturais, foi o mentor de uma festa que teve na sua origem a homenagem ao campino, às gentes que trabalhavam no campo e uma angariação de fundos para ajudar os bombeiros da terra. O seu brilho foi tal que se transformou numa referência da tradição Ribatejana até aos dias de hoje. Vila Franca de Xira expressa, nestes dias,

o seu orgulho, o seu sentido de terra afcionada, a sua personalidade afetiva, num ritual que, de uma forma ou outra, toca a todos sem exceção. Na ligação à Lezíria, à Festa Brava e ao Rio Tejo, estes três dias materializam a alma Vilafranquense.

Ao longo das páginas desta revista reproduzimos alguns dos cartazes que anunciaram o Colete Encarnado desde a sua fundação e damos a conhecer fotos de outros tempos desta Festa maior que não perde o vigor e ainda soma recordações ano após ano.





80 Anos de tradição, 80 Anos de Colete Encarnado!





**INAUGURAÇÃO**  
**5 | julho**  
**22h**  
**FADO**  
**com**  
**António**  
**Pinto Basto**

Exposição de Fotografia Tauromáquica

# Glórias

em Vila Franca de Xira

**5 de julho a 14 outubro**  
**2012**

**Celeiro da Patriarcal**  
**VILA FRANCA DE XIRA**

Horário: 3.ª feira a domingo, 14h/19h. Encerra à 2.ª feira e feriados.  
Exceto nos Festejos dos 80 anos do Colete Encarnado:  
5 de julho, 22h/24h; 6 e 7 de julho, 14h/24h; 8 de julho, 14h/22h

**Entradas livres!**



**Câmara Municipal de Vila Franca de Xira**

[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)

# XXVIII Vila Franca de Xira semana da cultura TAUROMÁQUICA 30 junho a 5 julho<sup>12</sup>

## Exposições

Inauguração a 30 de junho pelas 15h00  
Patentes até 15 de julho  
Org.: Casa Museu Mário Coelho

### Pintura de Humberto Parra

Apresentação - Coronel José Henriques  
Salão Nobre da Câmara Municipal

### Fatos de Tourear

Escadaria da Câmara Municipal

### Leques e Esculturas

Leques e esculturas da festa dos séc. XVII e XIX

Apresentação - Coronel José Henriques  
rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 155

### Comemoração dos 80 anos do Sector 1

Espólio do Sector 1

Apresentação - Dr. Manuel de Moraes  
rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 161

### Glória e Tragédia Momentos da festa

**A Fé e a Devoção** Exposição de pequenas *capillas*  
(oratórios que acompanham os toureiros)

Apresentação - Coronel José Henriques  
Núcleo Museológico do Mártir Santo

## Colóquios

Salão Nobre da Câmara Municipal - 21h30  
Org.: Casa Museu Mário Coelho

30 de junho

### Amores e Desamores Toureiros desde Paquiro até ao momento atual

Oradoras:

#### Las Majas de Goya

Dr.ª Maria Angeles Grajal

Maria Angeles Sanz

Elena Aznar

Maria Tereza Palha (Duquesa de Palmela)

Moderadora: Maria da Luz Rosinha

2 de julho

### As Damas Negras - Cornadas

Oradores:

Don Maximo Padrós

Médico Cirurgião e Chefe de Equipa da Praça de Touros  
de Las Ventas, Madrid

Maestro Jaime Ostos

Maestro Andres Vasquez

Maestro Rui Bento Vasquez

Moderador: Mário Coelho

4 de julho

### A Política e os Touros

Oradores:

Dr. Demetrio Perez

Ex-Delegado da Junta de Andalucía, Sevilla

Dr. Francisco Moita Flores

Presidente da Câmara Municipal de Santarém

Dra. Maria Gabriela Canavilhas

Deputada e ex-Ministra da Cultura

Moderador: Enrique Piriz

29 de junho - 21h00

### Peddy Paper Taurino

Concentração no Largo da Câmara

Org: Clube de Campismo  
de Vila Franca de Xira "As Sentinelas"

30 de junho - 14h00

### Tertúlias na Rua

rua Almirante Cândido dos Reis

Apoio: Junta de Freguesia  
de Vila Franca de Xira

ORGANIZAÇÃO



Câmara Municipal  
de Vila Franca de Xira



APÓIO



VILA FRANCA  
DE XIRA

TURISMO DE  
PORTUGAL



# Colete Encarnado

80 Anos

Vila Franca de Xira

**PALCO AV. PEDRO VITOR**

**Dia 6** julho



**Paulo Brissos**



**Ensemble Song**



**DIEGO MIRANDA**

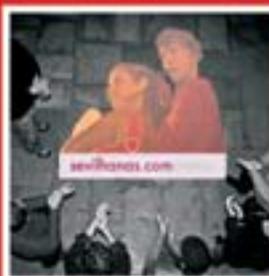
**Dia 7** julho



**Banda Con Sabor**



**Banda Sonido Andaluz**



**Tirititran by Sevilhanas.com**



**Zumba Fitness**

**Dia 8** julho



**Rodrigo**

Vítor Manuel Guerreiro da Silva – Vítor “Japão”

## O Campino homenageado nos 80 Anos de Colete Encarnado

*Na tarde do próximo dia 7 de julho, nos Paços do Município, há um campino que se distingue entre os seus pares: Vítor Manuel Guerreiro da Silva. É ele o homenageado nesta edição do Colete Encarnado que ganha, este ano, o respeito dos 80 anos.*

### **Da infância à mestria no campo**

Nascido a 18 de dezembro de 1947, em Benavente, Vítor ou “Japão” como é conhecido entre a campinagem, cedo trocou a cartilha pela liberdade dos campos ribatejanos. Não foi à escola. Filho de pai pescador, foi buscar à mãe a ligação e o gosto pelo campo “para onde puxou sempre mais, desde pequeno”. Assim, desde tenra idade, mais precisamente aos sete anos, fez do acre do campo o seu ambiente natural e começou a trabalhar com as vacas na herdade Monte Gato do Eng.º Alberto Xavier em Benavente. Lembra-se de quanto ganhava: “7\$50 e mais tarde lá ganhei mais algum”, refere. Aos 16 anos começou na mesma casa a lidar com gado bravo às ordens de Joaquim “Xora”, o abegão. “Mas, logo ao início, só fazia era correr com o gado até que o Joaquim Xora e o José Miranda, campinos, vieram ter comigo e disseram-me: ‘Agora encostas-te aí ao lado dos cabrestos e ficas a ver. Tens que andar mais devagar, para quê andar a correr dessa maneira?! Só saís quando te chamarmos, primeiro vês para saberes como

se faz’”. Vítor reproduz estas palavras como se de um conselho recebido ontem se tratasse. Faz questão de frisar que foram os seus professores, pois ensinaram-lhe a lidar com o gado bravo. Esteve três anos a aprender e mostra orgulho em ter recebido os ensinamentos de quem sabia do ofício. Envolvia sanções, “sim, com castigo é que a coisa ia lá” diz, mas compreendia já na altura que a experiência dos mais velhos era não só válida como essencial para fazer tudo a preceito.

Cumprido o serviço militar de 18 meses no Ultramar regressou às terras da sua meninice e agarrou-se aos cavalos, aos toiros e às vacas na Companhia das Lezírias, com o encarregado João Brás. Esteve lá três anos até que rumou à Casa Oliveira Irmãos, onde trabalhou com Joaquim Preceito durante quatro anos. Depois seguiu para a Herdade da Adema para ficar um triénio, após o que realizou uma breve passagem de quatro meses pelo Alto Alentejo, numa herdade em Ponte de Sor. Mas ribatejano de gema como é volta para Samora Correia, ao Monte de Santo Isidro da Casa Palha. Mais quatro anos e ingressa na





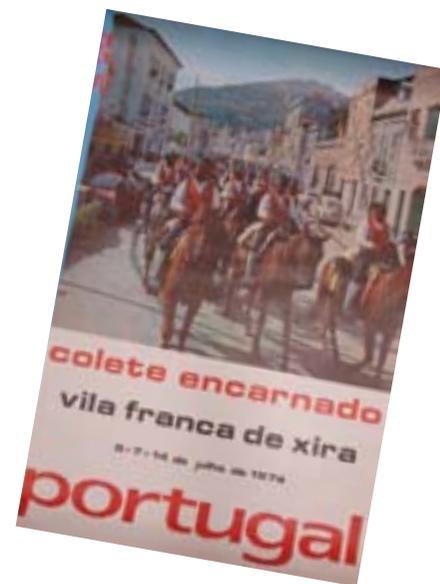
Companhia das Lezírias, à época sob as ordens de Fernando Ganhão, para ficar 13 anos até hoje. No seu percurso, além de exercer como maioral de vacas mansas e maioral de éguas, montou também cavalos para os seus colegas campinos. Hoje, com 65 anos tem a seu cargo na Companhia das Lezírias, 148 cabeças de raça Preta, 29 Charolesas e 34 Limousines. Esta Casa, com quase dois séculos de história, não tem gado bravo mas é a maior e mais antiga exploração agropecuária e florestal existente em Portugal. No dia-a-dia diz que todos trabalham em conjunto, ajudam-se uns aos outros, colocam os brincos, alimentam os animais, sendo que as pastagens naturais, os restolhos das culturas cerealíferas, os fenos e palhas produzidos na própria exploração, constituem o alimento das vacadas. A finalidade deste gado passa por dois ramos: a reposição do efetivo reprodutor ou a produção de carne. Dos cuidados com este gado faz parte uma transumância que o mesmo cumpre, anualmente: passa a primavera e o verão na lezíria e o restante tempo na charneca, quando as águas tornam a lezíria difícil.

### **Um campino à moda antiga**

Da infância à mestria no campo fala sem vestígio de vaidade mas, quando toca ao traje é caso para dizer que o figurino muda de figura. “No dia-a-dia uso o traje de trabalho, mas a rigor, visto como manda a tradição e em dias de festa o traje é outro mas é também tudo a preceito!”, lança com brio. Para isso contribui a sua mulher “incansável, que quando é preciso nem se deita para tratar da farda” explica reconhecido, “vou sempre impecável”.

Hoje, casado, com dois filhos, cinco netos e um bisneto cuja fotografia mostra com disfarçado orgulho, diz que até ver não lhe vão seguir as pisadas no ofício. “Há menos campinos”, comenta, “é preciso ter muito gosto para isto e os mais novos não gostam de ser ensinados pelos mais velhos, querem fazer à moda deles. Eu não, aprendi com quem sabia. Fazem falta aqueles ensinamentos”, remata. Vítor, ou “Japão”, faz sentir na sua conversa que esses “ensinamentos” o ajudaram a fazer respeitar o ferro das casas por onde passou. Considera-se “um campino à moda antiga”. Sobre a sua alcunha explica que passou do pai para ele. O seu pai em pequeno roubava os melões e corria para os barcos de pesca para subir ao mastro e daí mergulhar no rio, fugindo à vista e às mãos do irmão mais velho (tio de Vítor) de quem era certa uma valente repreensão. Na simplicidade das suas palavras dá a entender com esta descrição que tal proeza do mergulho evocava os *kamikazes*, os aviadores militares do Império Japonês em queda aparatosa.

Embora tivesse experimentado trabalhar com os tratores a carregar farinha e palha diz que o que mais gosta é, sem dúvida, de lidar com o gado e relembra, saudoso, quando de forma destemida e aguerrida saltava valas na sua montada, “agora já penso duas vezes, mesmo com esta égua”, apontando para uma Lusitana que assiste à conversa e sobre a qual diz ser afoita. “Ando com ela há seis anos e está bem ensinada”. Sobre as dificuldades de antigamente, no maneo do gado, não ficam de fora as recordações das tarefas que ficavam mais árduas nas épocas de cheias como colocar os animais a salvo e todas as preocupações inerentes.



### **Depois do trabalho e dos perigos, a homenagem**

Sobre as primeiras esperas que fez no Colete Encarnado diz que participa desde a grande cheia. Desde aí nunca mais parou, não participa nos concursos, dedica-se exclusivamente à condução dos cabrestos, tal como fez em diversas praças de toiros por esse País fora. Num retrato fiel da vida de campino também acumulou muitas peripécias de que guarda memórias. Num misto de entusiasmo e aventura conta “aquela história das sete voltas à camioneta... estava a descarregar uns toiros que tinham sido corridos em Espanha e que o patrão tinha comprado e, quando dou conta, está um a olhar para mim, ele arranca e eu comecei a correr à volta da camioneta, dei sete voltas até que rebolei para baixo dela. Lá me safei.” Já a clavícula partida há dois anos, por altura do Colete Encarnado, foi o episódio que mais o marcou: “com a idade que tenho foi o primeiro osso que parti!”, frisa. A mazela ainda acusa quando vai pôr os brincos nos animais ou exige demasiado ao seu ombro. Este sim foi um valente susto e que, pela primeira vez, o fez ter receio no seu ofício. Mas não faltam episódios com os seus pares de profissão, com o “Foguete”, o “Custódio” e tantos outros que relembra.

Reforma-se ainda este ano, diz que tem de “dar a vez a outros” e que se lhe pedirem a sua colaboração, uma vez ou outra ainda vai, mas nas esperas já não irá participar. “É uma grande responsabilidade”, refere com seriedade, “para o patrão e para os próprios campinos, há sempre o perigo de um acidente... e depois?”

Já foi homenageado noutras festas ribatejanas como a de Benavente em 2009 mas, desta feita, corresponde a uma ocasião especial já que encerra a sua vida de trabalho. Termina portanto com chave de ouro mas é, sem qualquer traço de vaidade, que comenta a sua distinção nos 80 anos do Colete Encarnado: “é um momento bonito”, diz acanhado. Os seus colegas elegeram o companheiro “Japão” para ser agraciado com esta homenagem, manifestando assim o apreço da sua paixão pelas tradições ribatejanas. Mas acima de tudo o contributo que tem dado, numa conduta séria e respeitosa, a essa figura que ganhou um lugar na história e identidade do País: O Campino.

Texto: Ana Sofia Coelho  
Fotografia: Hélder Dias

Tertúlia Lezíria

## Encontro de várias gerações

*Numa das mais emblemáticas ruas das esperas de toiros de Vila Franca de Xira, a 1.º de Dezembro, encontramos no n.º 39 a tertúlia Lezíria. Um espaço que conseguiu envolver várias gerações para homenagear a Cidade e a festa brava.*

Na origem da tertúlia Lezíria estão João Maria<sup>1</sup> e Lídia Conde (de quem todos sentem eterna saudade), que adquiriram aquele espaço, à época uma padaria, e que, desde logo, começaram por abrir portas em dias de corrida de toiros para receber a família e os amigos. Traziam ainda consigo o entusiasmo do espetáculo e a discussão da festa brava, dando ali continuação a um espírito único, o espírito tertuliano, assente no amor à tauromaquia, às tradições e, sobretudo, ao cenário da outra margem do Tejo, a Lezíria. Assim, nada mais natural do que oficializar o espaço como tertúlia e decorá-la a preceito com um espólio bem identificativo dessas paixões. A ligação de João Maria Conde ao Rio traçou o seu percurso de vida e constituiu-se como fio condutor para a materialização da sua tertúlia. Ou não fosse o seu ofício zelar pela inte-



gridade do leito e das margens do Tejo através da extração de areias. A sua profissão, diretamente ligada à sustentabilidade ecológica do curso de água, enraizou-lhe o fascínio pela paisagem e pela sua terra natal.

Fundada no primeiro dia de julho de 1979, num fim de semana de Colete Encarnado como não podia deixar de ser, a tertúlia recebeu a graça de "Lezíria", como um dos barcos onde João Conde trabalhava.



# Lezíria

Decorada nas cores da Praça Palha Blanco, o espaço traz-nos os aspetos da ruralidade assentes na ligação ao rio, ao campo e à tauromaquia. Forradas com fotografias, as paredes relembram momentos memoráveis de corridas de toiros. Dos objetos colecionados e expostos fazem parte fatos de toureiro, arreios, capotes, bandarilhas, um estoque, cartéis cuidadosamente emoldurados. Estão representados diversos ferros de ganadarias mas o destaque vai para as três imponentes cabeças de toiro embalsamadas, provenientes de três corridas de toiros de morte realizadas em Vila Franca de Xira (ocorreram apenas quatro na Cidade), na década de 70.



estende para a rua, ganhando novas cores, mais vida e amigos. Fogareiros e sardinhas têm lugar cativo nestes dias e não são poucos os curiosos que se acercam dos mesmos, pensando fazer parte do circuito dos assadores municipais. Mas estes tertulianos são perentórios: "são todos bem-vindos, não mandamos ninguém embora!". Até porque ao conhecermos a espaçosa e artilhada cozinha de que dispõem, fica denunciada a capacidade e potencialidade para verdadeiros festins gastronómicos.

## Culto, fé e tradição

No fim de semana de Colete Encarnado elegem a Homenagem ao Campino, nos Paços do Município, como o momento alto e bonito da Festa. Mas acabam por ser três intensos dias de convívio e *afición*, em que o espaço perde a fronteira e se

Os sócios da Lezíria com quem conversámos revelam-se afeiçoados pelas tradições tauromáquicas espanholas, pelas quais nutrem um certo fascínio. Confessam que gostariam de ver novamente uma corrida integral na sua Cidade e nos cortejos frisam que gostam de trajar as crianças da família de sevilhanas para embelezar o desfile em charrete. E se pelas ruas trazem cantoria e alegria, na tertúlia não é diferente.



Há sempre quem se lembre de elaborar uma partida com alguma malícia para rir e fazer rir, “como aquele irresistível momento de pegar numa das cabeças de toiro embalsamadas e colocá-la na entreaberta porta da tertúlia e surpreender quem passa”, lembram divertidos. Convenhamos que só a ideia já é bastante sugestiva das possíveis reações. Mas também o inesperado acontece, como quando o toiro subiu pelas escadas no interior do prédio onde pertence a tertúlia, acelerando o coração de todos quantos assistiam. Mas foi só susto e a emoção, nada de grave se passou e até hoje é uma memória engraçada. Dentro de portas, a Lezíria proporciona um momento peculiar, tirando partido de um espaço privilegiado: é montada uma cerca em ferro para receber um bezerro para as brincadeiras. Miúdos e graúdos divertem-se, como que numa espera de toiros privada. “Alguns trajam a rigor para a brincadeira... todos se divertem e sobretudo as crianças anseiam por esse momento”, contam. E depois falam sobre os forasteiros que recebem, “uma vez veio um autocarro cheio de França aqui para a nossa tertúlia”, mas do rol de visitantes estão também incluídas figuras internacionais conhecidas que se juntaram aos cerca de 50 sócios da Casa para viver esta festa maior.

Sobre as esperas de toiros, outro momento predileto, lançam: “era bonito ver passar os toiros à moda antiga”, a pé, pelo bonito cenário da Ponte Marechal Carmona até às ruas de Vila Franca. Não faltam sugestões para a organização e logística do Colete ou para a música que gostariam de ver no palco principal que, defendem, deveria ser sempre mais tradicional e alusiva às raízes da Festa. Mas, também não lhes falta a iniciativa. À data desta conversa estavam já a alinhar a organização de mais uma romaria à Ermida de N.ª Sr.ª de Alcamé. Tomaram-na por hábito, por fé, pelo culto e pela tradição. Encetam habitualmente contactos com outros tertulianos e dirigem-se em procissão, culminado num convívio entre entusiastas das tradições e gentes de Vila Franca.

Hoje, a continuidade da tertúlia é mais do que um espaço para convívio de aficionados, é como que uma homenagem aos fundadores para quem a identidade e as raízes eram ponto de honra. Se em pequenos acompanhavam o avô João Maria em todas corridas abrilhantadas por José Júlio e, mais tarde, por Vítor Mendes (os eleitos pelo patriarca) agora é neste espaço que netos, mas também filhos, sobrinhos e amigos entregam a sua paixão pela arte e emoção da tauromaquia.

Texto: Ana Sofia Coelho  
Fotografia: Ricardo Caetano



<sup>1</sup> Nota da redação: A Câmara Municipal apresenta as mais sinceras condolências à família e amigos do Sr. João Maria Conde, falecido no passado mês de maio.

José Canário

## 90 de vida, 70 anos de pampilho em riste

No largo do Município, a 1 de julho de 1989, o Campino Home-nageado empunhava, como é tradição, o Pampilho de Honra. Volvidos 23 anos, nos valorosos 80 anos do Colete Encarnado, é a sua vez de ser homenageado. A lei da vida impôs-se ao decano no ofício de lidar o gado a cavalo, quando tinha aca-bado de comemorar os 90 anos de idade. Era um guardião inexorável dos costumes, da honra de campinar. A personalidade forte, as crenças enrai-zadas e a vontade obstinada estiveram sempre presentes no seu trato pessoal. Valeram-lhe para vencer uma vida de agruras, mas também para granjear um estatuto mítico no seio da campina-gem. De nome José dos Santos Moreira, respondia por "Zé" Canário.

Este homem foi de facto uma autori-dade no seu meio profissional, pelas décadas que dedicou ao ofício, cerca de magnânicos 70 anos e ao longo dos quais contribuiu para o seu enri-quecimento, promoveu-o como arte e tradição, enquanto parte integrante da cultura Ribatejana. Mas também zelou implacavelmente para que o arti-fício fosse respeitado e acima de tudo que o traje fosse honrado, de corpo e alma. Aliás, a presença deste homem transpirava devoção à arte de cam-pinar: sempre trajado a rigor, fosse de fato de trabalho ou de festa, com o colete fechado, de onde reluzia a corrente do relógio. A calça sempre imaculadamente vincada e a camisa de branco cândido, contrastando com a tez morena, endurecida pelo trabalho e o sol impie-doso da Lezíria. O pormenor da carcela dupla na camisa era inolvidável. Os botões eram personaliza-dos, ainda que os recursos fossem parcos. A estatura baixa contrastava com o porte autoritário, perma-nentemente adjuvado pela colocação dos polegares nas cavas do colete. O cigarro, vício que o acompa-nhou desde tenra idade, estava sempre descaído ao canto da boca e com a beata mastigada. Raramente o fumava. A força da gravidade obrigava amiúde o borrão a pulverizar-se no seu peito. O hábito tornou-se parte intrínseca do seu semblante. Esteve sempre relacionado com a terra e os animais. Aliás o pai já era campino e veio ao mundo em plena Lezíria, mais propriamente no campo de Vila Franca de Xira. Ainda assim queria que o filho tivesse uma vida melhor. Até forçou a sua ida e permanência na escola. Mas o abecedário pouco dizia

ao menino Zé. Apenas via interesse nas lides do campo. O limite da obediência foi a terceira classe e aos oito anos já era anoeiro, na Casa Agrícola António de Sousa. Foi uma decisão sem volta e que nunca foi objeto de arrependimento, pelo contrário, considerou-a sempre como um lance afortunado.



Até ser chamado para o serviço mili-tar obrigatório, aos 20 anos, trabalhou em várias casas agrícolas, tendo tido o privilégio de o fazer sob a égide de reconhecidos maiores. Foi já depois do seu regresso à sua querida Vila Franca de Xira que recebeu o pampilho, assu-mindo a função de campino, na Casa Agrícola Júlio Borba (Campo de Vila Franca de Xira). Passou pela Casa Agrí-cola Barata e Nechas e quando esta se extinguiu ingressou na de Manuel Assunção Coimbra, onde desempe-nhou a função de maioral, durante 28 anos. Passou ainda pelas Casas de Camarate, Ernesto de Castro, Quinta da Foz e terminou na Casa Balancho, de João Villaverde.

A par da atividade profissional, a vida privada e tempo livre eram todos vivi-dos em função da paixão da sua vida. As conversas, preocupações e grandes emoções cirandavam constantemente em seu torno. Nos eventos onde se apresentava, o traje de festa cumpria

rigorosamente o que mandava a tradição e era usado de forma escrupulosa. Não suportava mangas arregaçadas, inde-pendentemente da temperatura, ou qualquer outro tipo de desleixo. Afinal o fim último destes eventos não é a diversão, é representar uma elite de trabalhadores das Lezírias e uma arte ancestral. Foi com esta pos-tura de rigor e com toda a sua experiênci-a que lide-rou, durante 14 anos, as Esperas do Colete Encarnado. A sua Festa. A maior. Aquela que mereceu, de certeza, os seus últimos pensamentos no passado dia 29 de maio. A que merecia a sua maior aspiração: que sobrevivesse a si próprio. O seu desejo vai ser concretizado, no Largo da Câmara, a 7 de julho, com a presença dos seus companheiros de vida, inclusivamente do campino Nelson Canário. O Colete Encarnado será vivido cheio de emoção e alegria, afinal são 80 anos ao serviço da Festa Brava.



José da Costa Laureano

## O adeus ao último campino do primeiro Colete Encarnado

Em terras ribatejanas, do seio de uma família tipicamente afixionada do início do século XX, estava-se no longínquo ano de 1916, mais precisamente no dia 13 de julho, nascia uma criança, cujo pai já era campino, que feito homem, lhe seguiu as pisadas. Ficou na história do Colete Encarnado, porque fez parte do grupo de 50 campinos que estiveram presentes na primeira edição daquela Festa, que, este ano, comemora 80 anos. Tinha 15 anos. José da Costa Laureano era o derradeiro pioneiro, que contava as peripécias vividas de viva voz.

A 16 de março último, na bonita idade de 95 anos, despediu-se daqueles que amava, mas levou memórias exclusivas, que ainda reportava com uma energia, vivacidade e lucidez ímpar. Episódios vividos nas ruas de Vila Franca de Xira, cuja singularidade permitiu que fossem catapultados para a história daquela que se tornou a Festa dos campinos. José da Costa Laureano ajudou a conduzir os touros, para as esperas e corrida de touros, que abrilhantaram a 1.ª edição do Colete Encarnado. De sublinhar que o calendário registava o ano de 1932 e a Ponte Marechal Carmona só passou a valer aos intrépidos pastores das Lezírias, a partir de 1951, volvidos 19 anos! Até lá, o gado bravo era conduzido da Lezíria até à vila<sup>1</sup> pelo Rio Tejo. Os animais atravessavam a nado e os campinos rasgavam as águas nas embarcações dos pescadores.

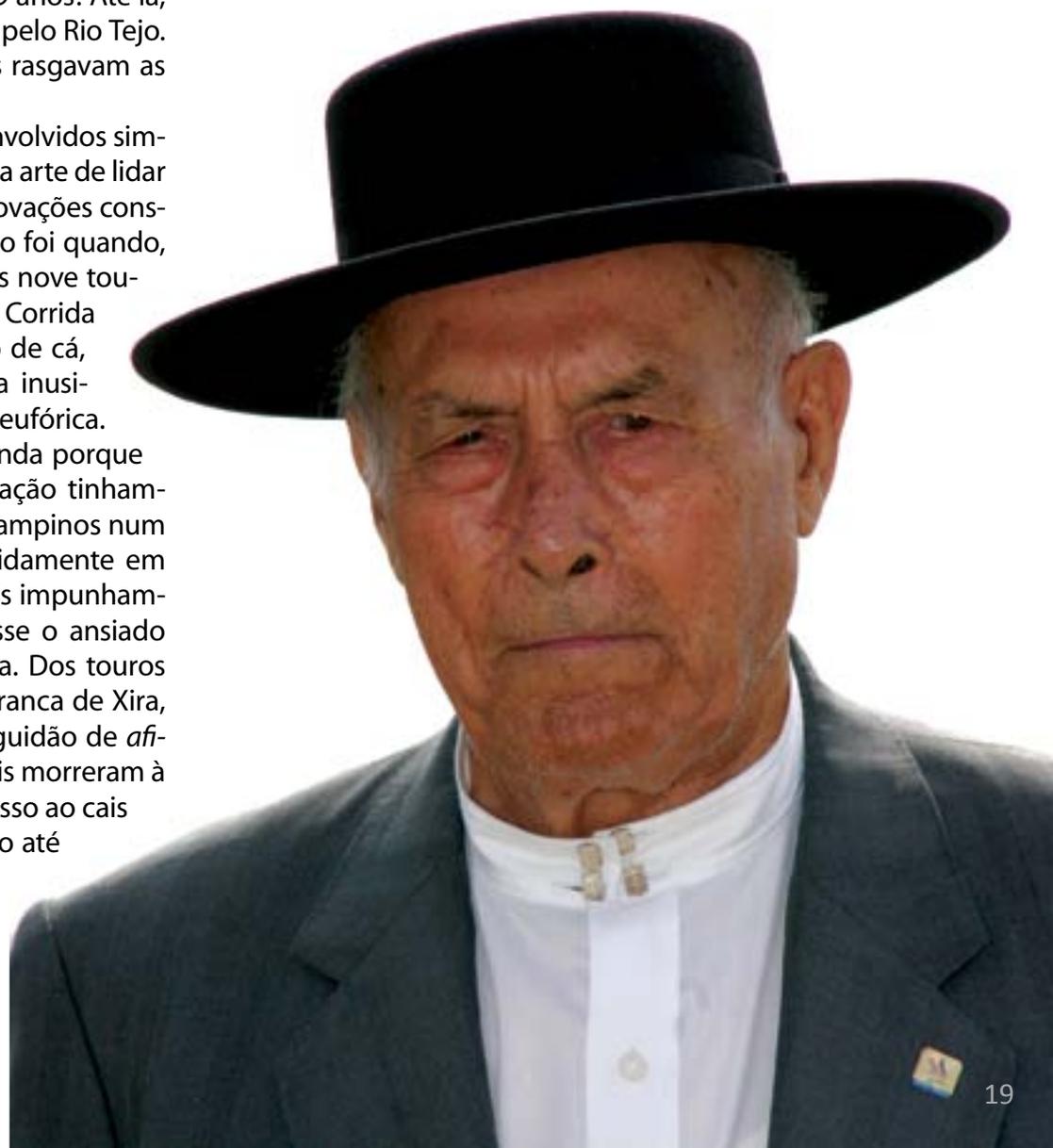
Tempos idos. O desafio rigoroso. Os campinos envolvidos simplesmente humanos. Diferenciava-os a mestria na arte de lidar o gado. O domínio soberbo e estratégico das provações constantes levantados pela mãe natureza. Prova disso foi quando, logo na primeira edição do Colete Encarnado, os nove touros selecionados, no campo para as esperas e a Corrida de Touros da Palha Blanco, trazidos para o lado de cá, fugiram à condução dos campinos. A presença inusitada do gado bravo descontrolou a população já eufórica.

O momento da debandada foi perigoso, pior ainda porque as únicas pessoas que tinham controlo da situação tinham-no perdido, pondo a população e os próprios campinos num estado crítico, onde a sobrevivência estava nitidamente em causa. Ultrapassada esta questão, as más notícias impunham-se e debatiam-se para que não se concretizasse o ansiado evento, gizado por José Van Zeller Pereira Palha. Dos touros cujos cascos tinham troado na calçada de Vila Franca de Xira, apenas um ficou à mercê do povo, numa sofreguidão de *afición* popular. Quatro fugiram para Azambuja, dois morreram à passagem de um comboio na linha férrea de acesso ao cais de Vila Franca de Xira e dois atravessaram o Tejo até ao Cabo.

Perante este cenário o primeiro Colete Encarnado estava seriamente comprometido. Sem touros a Festa estava posta em causa. Não havia volta a dar. Tinham de regressar ao campo, apartar nova manada e trazê-la para a Praça de Touros Palha Blanco.

Assim foi. E desta vez o objetivo foi atingido com sucesso. Corridos pelos cabrestos de cascos tapados e pela calada da noite, os touros foram enjaulados na Praça de Touros. José da Costa Laureano e companheiros estavam há mais de 40 horas sem descansar, sem aconchegar o estômago, a bucha impunha-se como emergente. Sacrifício à parte, até porque a vida destes homens era crivada de abnegação, o que importa é que o Colete Encarnado concretiza-se e em 2012 comemora oito décadas. A todos os que contribuíram para a longevidade desta efeméride e, em especial, a José da Costa Laureano que, lamentavelmente já não pode viver este momento, um Bem-Haja!

Texto: Prazeres Tavares  
Fotografia: Marco Aurélio



<sup>1</sup> Nota da redação: Data de elevação de Vila Franca de Xira a Cidade – 28 de junho de 1984

5 a 14  
de outubro '12

PARQUE URBANO DE  
VILA FRANCA  
DE XIRA

Esperas de Toiros

5 de outubro - 10h30  
6 de outubro - 16h30  
7 de outubro - 10h30  
8 de outubro - 10h30  
9 de outubro - 10h30

Feira  
Anual  
Vila Franca de Xira



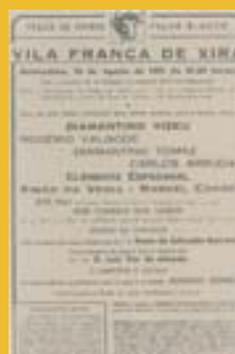
XXXII  
Salão  
de Artesanato  
Pavilhão  
Multiusos

## Diamantino Tomás “Pirolito”

Em 23 de dezembro de 1923 nasce, em Vila Franca de Xira, Diamantino Tomás, conhecido na festa como “Pirolito”. Grande esperança do toureio da época, atuava com vocação e com grande virtude a estoquear, tendo-se destacado como Novilheiro, não conseguindo no entanto atingir o estrelato.

Atuou pela primeira vez na Palha Blanco em 9 de outubro de 1946, e o seu nome consta dos cartéis da centenária praça Vila-Franquense até ao início da década de 50.

Mais do que um nome, “Pirolito” representa uma das figuras mais típicas de Vila Franca de Xira, que irá ser distinguido na Feira Anual 2012.



**Forcados Amadores de Vila Franca de Xira celebram 80 anos,  
fiéis às palavras da madrinha do grupo**

## “O Bom Exemplo é o Mais Poderoso dos Mestres”

*Em paralelo com a comemoração dos 80 anos do Colete Encarnado, assinala-se também a importante comemoração dos 80 anos de existência do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira. Estas comemorações integram diversas atividades ao longo de todo o ano de 2012, destacando-se a exposição “80 Anos da Fundação do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira”, que estará patente no Museu Municipal entre 29 de junho e 30 de dezembro e o lançamento do Livro Comemorativo dos 80 anos do Grupo de Forcados, que terá lugar em outubro deste ano. O atual Cabo do Grupo, Ricardo Castelo, falou de como está a ser vivido este ano tão importante para os Forcados Amadores de Vila Franca de Xira.*



Foram já percorridos 80 anos sobre a realização do primeiro Colete Encarnado em Vila Franca de Xira, em que, a 17 de julho, numa corrida realizada em favor dos Bombeiros Voluntários, um grupo de forcados chefiados por Joaquim Franco “executaram duas pegas valentes”, segundo o jornal “Vida Ribatejana” de 22 de julho de 1932. Nas palavras da Madrinha do Grupo, Sr.ª Maria Vitória Lopes: “O então presidente da Câmara Municipal de Vila Franca, Sr. Vanzeller Pereira Palha, pediu a meu pai - Vasco da Rocha Lopes - que tinha então 29 anos, para arranjar um grupo de rapazes que constituísse um Grupo de Forcados de Vila Franca de Xira para pegarem na festa do 1.º Colete Encarnado (...). Como a experiência foi um êxito, o meu pai decidiu de acordo com os outros elementos, fundar oficialmente o Grupo, em 8 de outubro de 1932 (...).”<sup>1</sup> O grupo oficializou a sua fundação através de uma fotografia de conjunto, no Estúdio Fotográfico de Eduardo Nunes, em Vila Franca de Xira. A partir desta data, o Grupo, embora com algumas intermitências nos

seus primeiros anos de existência, soube construir toda uma história que viria a tornar-se parte indissociável da identidade de Vila Franca de Xira e dos próprios Vila-Franquenses. Valores como os da amizade, da camaradagem e espírito/sentido de grupo ficariam para sempre impressos na essência de todos aqueles que, em nome do grupo, envergaram a jaqueta de ramagens.

Estes valores estão bem presentes no espírito do atual Cabo, Ricardo Castelo. Com 28 anos e Cabo do Grupo desde 2010, considera que as suas funções lhe transmitem, acima de tudo, “um grande sentido de responsabilidade e também uma escola de vida muito importante”, que do seu ponto de vista se estendem para muitos outros aspetos da sua vida pessoal e profissional. Valores como os da amizade e da responsabilidade, mas também da solidariedade, são aqui vividos mais intensamente, numa atividade geradora de afinidades profundas que vão além das próprias limitações físicas.

<sup>1</sup> Texto da Madrinha do Grupo, Sr.ª D.ª Maria Vitória Lopes, de 21 de dezembro de 1996, disponível em [www.forcadosdevilafanca.com](http://www.forcadosdevilafanca.com)

“Muitas vezes, o corpo está a pedir para não fazermos certas coisas, porque nos dói ou sabemos que nos podemos magoar, mas temos esse sentido de responsabilidade de ir para a frente, porque sabemos a posição que representamos e os valores que defendemos”.

O Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira faz parte da vida de Ricardo Castelo desde os seus 11-12 anos de idade. O seu percurso dentro do Grupo foi muito semelhante ao da grande maioria dos elementos que o integram. Na companhia do seu tio, começou por estar presente nas garraíadas, organizadas pelo Grupo na Feira de outubro, onde se começa por pegar umas vacas, tornando-se depois presença assídua nos treinos. “Comecei a fardar-me nos juvenis e quando dei por mim estava a pegar nos Amadores”, levando já mais de 10 anos como Forcado Amador. Em outubro de 2009, sucedeu a Vasco Dotti na liderança do Grupo, numa decisão que resultou, como sempre acontece, da vontade coletiva dos restantes elementos.

### “Não é melhor nem pior, é diferente”

Para o Cabo do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, o que melhor caracteriza e marca a diferença em relação a outros grupos é o facto de 90% dos seus elementos serem de Vila Franca de Xira. Enquanto noutros grupos há uma maior diversidade na origem territorial dos membros, em Vila Franca de Xira existe esta proximidade geográfica nos seus elementos, o que fortalece a amizade, o espírito de união e mesmo algumas afinidades. “Encontramo-nos mais vezes, vivemos mais momentos juntos, temos a nossa tertúlia – apenas um outro grupo tem sede própria –, tudo isto são coisas que nos caracterizam de uma maneira mais forte”. Esclarece contudo que não se trata de uma medida consciente do Grupo. É algo que acontece naturalmente, “mas ainda bem que é assim”.

Por tudo isto, Ricardo Castelo não hesita em considerar que o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, “sem falsas modéstias, é um grupo de referência, tanto a nível nacional como internacional. Quando vêm elementos de outros países,

por exemplo, do México, muitas vezes vêm a Vila Franca, têm como ponto de visita o Grupo de Vila Franca, porque é um Grupo com um historial que as pessoas querem conhecer, querem viver, fazer parte.”

### Amador, sim, por vocação

Para Ricardo Castelo, a vivência das tradições enquanto forçado passam também em muito pela manutenção do seu papel enquanto amador. É com esse espírito que o Grupo melhor se identifica: “fazemos isto porque gostamos, não levamos esta atividade para um sentido mais profissional. Gostamos de levar isto com paixão, porque nos sentimos felizes assim, sem tentar tirar outros proveitos que nos fariam perder um pouco este sentido de amador.” Em associação a esta paixão, permanece apenas o risco

inerente a quem entra na arena para pegar um toiro, e tem em paralelo toda uma vida profissional, ou de estudante. Não é por isso um *hobby* como outro qualquer. “Todos nós temos as nossas profissões, as nossas vidas, todos somos estudantes ou trabalhamos, e estamos nesta atividade por nossa conta e risco. É claro que existe sempre o perigo de nos magoarmos.” Mas a paixão acaba por minimizar os riscos, na hora de dar a cara ao toiro.

O Cabo do Grupo de Forcados gostava apenas de ver surgir um pouco mais de renovação ao nível das figuras do toureiro da atualidade. Embora existam muitas figuras portuguesas de indiscutível valor no mundo da Tauromaquia, gostaria por vezes de ir às corridas de toiros sem saber com o que contar. Quanto ao número de corridas, mostra-se consciente da redução do número de realizações programadas, face aos constrangimentos financeiros que se verificam em todos os aspetos da vida do País, embora vendo tal facto com preocupação.

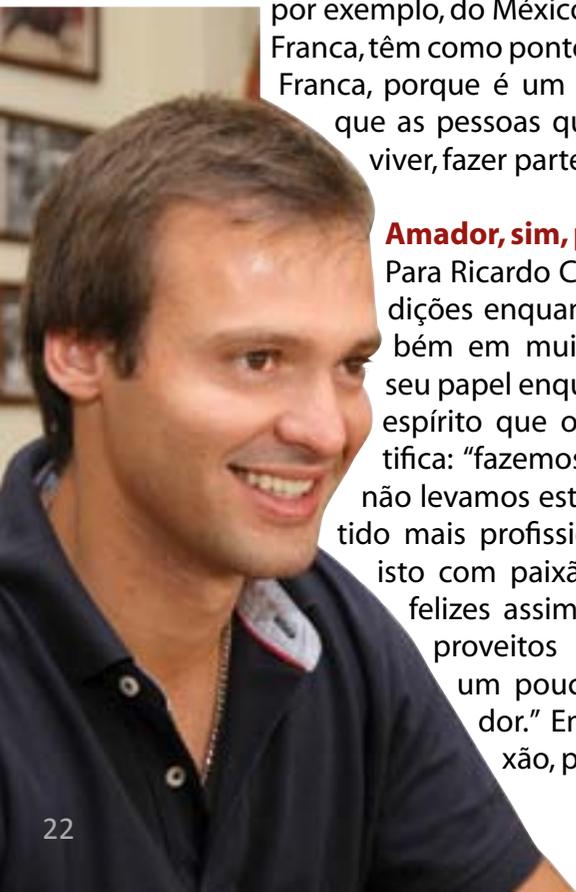
### Um ano repleto de celebrações

Nas celebrações dos 80 anos do Colete Encarnado, o Grupo de Forcados espera vivê-lo com a mesma intensidade e alegria de anos anteriores. A Casa dos Forcados (tertúlia) abre as suas portas a familiares e amigos, a antigos e atuais elementos, desfrutando ao máximo de todos os aspetos que a Festa sempre tem para oferecer. Para assinalar os 80 anos do Grupo de Forcados, o destaque vai sem dúvida para o Lançamento do Livro Comemorativo, que terá lugar no dia 5 de outubro, com o apoio da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. “É para nós muito importante, porque até aos dias de hoje nunca foi feito nada semelhante”. Também a Exposição que estará patente no Museu Municipal de Vila Franca de Xira marca um momento alto destas comemorações, que se iniciaram em abril, com a presença de 74 elementos antigos e atuais, fardados, na Praça de Toiros Palha Blanco.

### De olhos postos nos próximos 80 anos

Com uma herança de 80 anos de história e de histórias, Ricardo Castelo considera que o futuro e a continuidade do Grupo de Forcados está perfeitamente assegurada. Talvez em virtude do mediatismo que hoje em dia é possível alcançar, a verdade é que o Grupo tem registado, nos últimos anos, um número crescente de jovens interessados em participar na sua atividade. “Este ano, a treinar, éramos cerca de 50 elementos. Há cada vez mais miúdos que querem ser forcados.” Para ingressar no Grupo de Forcados Amadores, a presença regular nos treinos é fundamental. A partir daí, a sua vontade em melhorar e o valor que forem demonstrando irá ditar a concretização do momento do fardamento e a sua entrada para o Grupo, como Forcado Amador. Tudo isto sem nunca perder de vista a força de uma tradição octogenária, repleta de lições e de exemplos a seguir, bem presentes nas palavras da Madrinha do Grupo e colocadas em local de destaque na sede do Grupo de Forcados: “o bom exemplo é o mais poderoso dos Mestres”. É caso para dizer que serão estes jovens de 2012, e os seus bons exemplos, os orientadores das gerações dos próximos 80 anos.

Texto: Filomena Serrazina  
Fotografia: Ricardo Caetano



## Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira



*Fotografia oficial da fundação do Grupo, a 8 de Outubro de 1932: Joaquim Franco (Cabo), Horácio Cunha, Luís Ferreira "Tordo", Daniel Serafim, Júlio Santos, Fortunato Simões, Vasco Rocha, José Plácido e onde está também Maria Vitória Lourenço Lopes (filha de Vasco Rocha), que começou por acompanhar as deslocações e viria a ser nomeada Madrinha do Grupo, nas Comemorações dos 50 anos do mesmo.*



Exposição

# 80 Anos

da Fundação do  
Grupo de Forcados Amadores  
de Vila Franca de Xira

29 de junho'12  
a 30 de dezembro'12  
Museu Municipal de Vila Franca de Xira

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira



Horário

3.ª - feira a domingo, 9h30/12h30  
e das 14h/17h30  
Encerra às segundas-feiras e feriados

DURANTE O COLETE ENCARNADO:  
6.ª - feira a sábado, 20h/22h  
Domingo, 17h30/22h

forcados

